

ENTREVISTA COM AQUILES ALENCAR BRAYNER

AN INTERVIEW WITH AQUILES ALENCAR BRAYNER

Aquiles Alencar Brayner é formado em psicologia pela Universidade Federal do Ceará e história da arte pela Rijks Universiteit Leiden (Holanda). Tem mestrado nas áreas de literatura latino-americana pela Rijks Universiteit e ciência da informação pela City University de Londres, além de doutorado em literatura brasileira pelo King's College (Universidade de Londres). Aquiles lecionou em várias universidades britânicas, incluindo as universidades de Londres e de Leeds, até assumir, em 2006, o cargo de curador do acervo latino-americano na British Library (BL). Com a criação do Departamento de Digital Scholarship na BL, em 2010, Aquiles foi promovido ao cargo de curador digital com o objetivo de definir o papel da biblioteca como provedora de informação e conteúdos eletrônicos entre acadêmicos e demais usuários.

Acervo. *Como você define curadoria digital e como se enquadra no contexto dos arquivos?*

Aquiles Alencar Brayner. A curadoria digital é uma área de atuação recente em instituições de memória cultural. Ela nasce, paralelamente, ao advento das chamadas humanidades digitais – um campo também em desenvolvimento e que vem despertando a atenção e interesse de pesquisadores no uso de ferramentas e técnicas computacionais para a análise em massa de dados em formato eletrônico, possibilitando-nos identificar determinados padrões no modo em que aquela informação aparece expressa e conduzindo-nos a novas descobertas. Com a digitalização de milhões de páginas de jornais de séculos anteriores, por exemplo, historiadores podem extrair, facilmente, dados relevantes para a sua pesquisa através de um sistema automatizado que o permita em questão de minutos – ou até mesmo segundos – coletar a informação que precisa, sem se deter num trabalho exaustivo de coleta e classificação daquele conteúdo, o qual, feito manualmente, levaria anos para ser realizado. Neste

contexto, o papel do curador digital é o de trabalhar com o historiador no sentido de desenvolver metodologias que facilitem a extração, manipulação e validação dos dados obtidos. Além disso, o curador procura representar, graficamente, esses dados, possibilitando uma melhor compreensão dos seus padrões e possíveis variantes. Este processo colaborativo inclui, ainda, a participação de arquivistas, bibliotecários e dos que se dedicam ao desenvolvimento de *softwares* e à preservação digital.

Dentro da relação curador digital e arquivista, há um processo de trabalho conjunto associado ao desenvolvimento da pesquisa digital. Costumo comparar o arquivista a um engenheiro, responsável por estruturar os dados, entender como foram elaborados e aplicá-los no processo de construção da pesquisa. O curador, por sua vez, exerceria a função do arquiteto, intermediando as relações arquivista/engenheiro e o pesquisador/cliente, compreendendo a necessidade do pesquisador de utilizar dados e manipulá-los dentro das possibilidades estruturais que o arquivista oferece. Claro que essa analogia é apenas ilustrativa, já que, na prática da pesquisa digital, o papel do arquivista e do curador digital se encontram cada vez mais atrelados.

O papel do arquivista mudou. Se antes o arquivista tinha de pensar na estruturação e correlação de registros em meio físico, hoje, ele deve voltar a sua atenção ao desafio que o digital nos impõe em apresentar suas próprias características de existência de natureza muito mais efêmera e rizomática em relação aos meios anteriores. O arquivo de páginas Web nos oferece um bom exemplo deste desafio. De acordo com dados estatísticos, 80% das páginas Web desaparecerem ou são modificadas no ano em que foram publicadas. Tendo em vista a importância documental que o meio oferece - muitas informações de relevância histórica, política e cultural são publicadas, apenas, em meio eletrônico - o arquivista, juntamente com o curador digital, tem de pensar em novas estratégias de arquivamento, descrição e estruturação deste conteúdo. Sem esta ênfase em preservar o conteúdo digital, nossas gerações futuras perderão o acesso a registros de suma importância para a compreensão do momento atual. O desafio maior que enfrentamos no arquivo de páginas Web é capturar o seu conteúdo, respeitando a sua lógica de organização e desenvolvimento interno. Sua estrutura rizomática se dá pela relação que estas páginas apresentam com os *hiperlinks* e pela utilização de *feeds*, inserindo, em tempo real, a estas páginas conteúdos provenientes das mídias sociais, *blogs*, *wikis* e outras plataformas multimídias, tudo isso em constante mudança pela interatividade dos seus usuários.

Outra atividade importante que se está desenvolvendo no âmbito da arquivologia é o trabalho com manuscritos eletrônicos. O advento de *e-mails* e processadores de texto, por exemplo, alterou, radicalmente, o modelo pelo qual nos correspondemos e a maneira através da qual registramos o desenvolvimento de nossas ideias. Antes, a comunicação epistolar delimitava o modo como uma mensagem era composta e enviada - tínhamos então uma relação estritamente dual entre emissor e destinatário. Graças ao *e-mail*, a comunicação se tornou muito mais interativa, já que vários recipientes podem estar endereçados a receber um mesmo documento que, em contrapartida, traz, além da possibilidade do texto, outros conteúdos em diferentes formatos, atrelados ao corpo da mensagem enviada. Ao contrário

da mensagem epistolar que, na maioria das vezes, preserva, somente, um lado da comunicação, sem haver registros seguros da sua resposta, o *e-mail* registra, não somente, as mensagens enviadas por determinado sujeito, mas inclui, via de regra, as respostas dos seus interlocutores, inserindo dados como data e hora do envio, possibilitando-nos um panorama muito mais completo do processo de comunicação, mesmo quando o conteúdo gerado por um dos atores envolvidos no processo não tenha sido preservado. Neste campo, o arquivista pode estabelecer as relações estruturais entre comunicantes e conteúdos, numa maneira mais próxima ao contexto em que estes últimos foram gerados.

Outro ponto a ser ressaltado no processo de arquivamento eletrônico é a captura de versões modificadas em conteúdo gerado por processadores de texto. O registro de ideias, em formato físico, nos possibilitou, até agora, rastrear as etapas de produção de um texto, onde seu autor deixava marcas no corpo do documento, por meio de anotações à margem, sublinhamentos, remoção e adição de dados ou palavras – elementos estes imprescindíveis para o pesquisador que trabalha com a arqueologia do texto. Com os processadores de texto, esses registros normalmente se perdem. Curadores digitais vêm trabalhando com arquivistas no sentido de recuperarem informações deletadas ou modificadas, recorrendo, para isso, a *softwares* abertos. Alguns arquivos e bibliotecas já estão coletando computadores, *tablets* e outros meios de registro eletrônico de escritores, artistas, políticos e cientistas para recuperar toda e qualquer informação gerada, alterada ou descartada durante o tempo de vida de um determinado equipamento. Este tipo de recuperação de dados é uma atividade de suma importância para a preservação do nosso patrimônio imaterial.

Enfim, o modo de gerir a documentação eletrônica se difere, radicalmente, de certas práticas adotadas em nossos Arquivos em relação a formatos ditos tradicionais. É nesse contexto de mudança que o arquivista e o curador digital devem trabalhar juntos, procurando estabelecer estratégias que contemplem os novos formatos e as novas demandas de informação.

Acervo. *É fato que a era digital facilitou e democratizou o acesso aos documentos. Uma dessas facilidades é o crowdsourcing, que pode ajudar a identificação e descrição dos arquivos. Você pode falar um pouco sobre como o crowdsourcing pode contribuir para a pesquisa nos arquivos?*

Aquiles Alencar Brayner. O *crowdsourcing*, não somente, nos auxilia a enriquecer a descrição e difusão dos nossos acervos, como também ajuda a construí-los. No caso da descrição, muitos catálogos eletrônicos de instituições arquivísticas e bibliotecas possibilitam ao usuário descrever um determinado documento da maneira que lhe for pertinente. Nós, arquivistas e bibliotecários, herdamos uma tradição de controle e ordenamento de fontes. O que acontece é que os nossos padrões, muitas vezes rígidos e hierárquicos, não são compatíveis com as percepções de documento cultivadas pelo usuário. Se o catálogo da minha biblioteca concebe o *Grande sertão: veredas* sob a categoria “literatura brasileira moderna”, o usuário pode categorizá-lo como obra histórica, o que não seria de todo equivocado, já que, fatos verídicos servem de suporte para a construção do relato. Do mesmo modo, um geógrafo poderia estar interessado na obra citada em virtude de suas descrições topográficas, assim como seria franqueado ao pesquisador de estudo de gêneros descrevê-la, enquanto roman-

ce homoerótico entre o narrador e o personagem principal do enredo. Desse modo, percebemos que todo documento está aberto a múltiplas interpretações que vão sendo geradas pelo usuário, fundando novas hermenêuticas em relação aos nossos acervos.

O *crowdsourcing* nos auxilia a ampliar horizontes em ambientes impossíveis de serem pensados, num passado não muito distante. Atualmente, as informações mantidas nos catálogos eletrônicos de nossas instituições possibilitam uma vantagem incrível de coadunar *Thesauri e Subject headings* com o *Vox Populi*, já que o aspecto interativo destes catálogos permite que os usuários adicionem suas próprias *tags* à descrição que oferecemos. A participação do usuário no esquadrinhamento e descrição de documentos enriquece, não apenas, a relação da sociedade com as instituições culturais, como otimiza o acesso a essas mesmas fontes, já que elementos imperceptíveis ao arquivista e ao bibliotecário serão contemplados. Para mim, é, neste aspecto, que reside o famoso conceito de democracia da informação que tem sido erroneamente entendido somente dentro do âmbito de acesso livre e irrestrito a conteúdos armazenados em nossos acervos. A questão de democracia informacional se estende ao modo como uma informação é interpretada e descrita: a todos se dá uma voz, e estas vozes vão começar a criar comunidades a partir de interesses comuns. Creio que o exercício da arquivologia e da biblioteconomia, na era eletrônica, passa, necessariamente, pelo fomento do caráter dialógico de seus acervos e ferramentas, principalmente, os catálogos.

Outra questão importante é que as atividades de *crowdsourcing* possibilitam o enriquecimento dos nossos acervos através da participação pública. A British Library, por exemplo, convida seus usuários a enviarem gravações de temas variados (músicas, sons da natureza, dialetos e histórias regionais), produzidas em seus celulares para compor parte do acervo de áudio no programa intitulado *Sound Maps* (<<http://sounds.bl.uk/Sound-Maps>>). Esse material fica arquivado no servidor da British Library e tem um potencial enorme de uso para pesquisadores nas áreas de linguística, etnomusicologia e história. Por meio destes registros de sons, agregamos valor aos formatos mais tradicionais que conservamos em nossos arquivos e bibliotecas.

No contexto europeu, há projetos destinados a enriquecer e disseminar coleções históricas através do *crowdsourcing*. É o caso do projeto Europeana 1914-1918 (<<http://www.europeana1914-1918.eu/en>>), que agrupa, num único portal, conteúdo digitalizado de bibliotecas nacionais europeias e materiais pessoais sobre a Primeira Guerra Mundial. Normalmente, o que as nossas instituições abrigam, em termos de acervos históricos, são dados oficiais de um determinado acontecimento através de relatos de personagens de destaque de uma época em livros, jornais e correspondências. Embora relevante, o registro da experiência do cidadão comum nunca foi prioridade em acervos, e é esta lacuna que tentamos preencher. No caso da Europeana, iniciamos uma campanha solicitando ao público a nos trazer materiais relativos à Grande Guerra, principalmente cartas e outra memorabilias de seus antepassados. Por meio da digitalização deste conteúdo, que estarão disponíveis para consulta ao lado das narrativas mais oficiais, que a história passa, assim, a ser entendida por vários ângulos numa pluralidade de vozes e relatos.

Acervo. *Em sua entrevista para o jornal O Globo em 2015, você falou da importância da serendipidade, isto é, da informação encontrada casualmente e, não somente, nos instrumentos de busca oficiais das bibliotecas e arquivos. Mas como fica a confiabilidade da informação achada ao acaso? Como rastreá-la até sua origem e verificar se é confiável ou não?*

Aquiles Alencar Brayner. Quando eu falo em serendipidade, o meu foco se concentra mais no contexto em que a informação é descoberta, sem oferecer, neste primeiro momento, um valor qualitativo ao que se apresenta. Um exemplo mais próximo deste tipo de descoberta se dá através das mídias sociais. Cada vez que eu acesso uma dessas plataformas, me deparo com algo novo que, muitas vezes, eu não estava buscando enquanto informação, mas que acabo encontrando por seguir pessoas ou grupos com valores, gostos e atitudes semelhantes aos meus. Vale aqui ressaltar que este tipo de descoberta não advém do mundo digital, mas se remonta a séculos anteriores. O leitor de jornal do século XIX, por exemplo, tinha já esta experiência multifacetada da descoberta informacional. Como leitor, ele poderia ter predileção pela coluna política, mas isto não o impedia de descobrir, dentro do mesmo veículo, outras categorias de texto. Quer dizer, o leitor abria o jornal para informar-se de algum tema dentro da sua expectativa informacional e acabava se deparando com outros discursos.

No caso dos nossos catálogos eletrônicos, a descoberta, por serendipidade, se reduz muito mais. Quando buscamos algo no catálogo de uma biblioteca, temos algum referencial à mão (título, autor etc.). Geralmente, esses catálogos não nos oferecem nenhuma alternativa de depararmos com algo inusitado. O meu questionamento não é sobre a natureza direta, ainda que mais restrita, da “busca” de informação em um catálogo eletrônico, mas como poderíamos enriquecer o sistema implementando outros modelos que facilitem o “encontro” de algo que nos chegue de maneira inesperada. Nesse sentido, já se fala muito em catálogos que repliquem o contexto das mídias sociais, facilitando uma maior interatividade entre usuários e descrição de conteúdos. Os *taggings*, as sugestões de leituras baseadas no perfil do usuário, a troca de informação entre grupos, tudo isso pode enriquecer, de maneira exponencial, a serendipidade no âmbito das nossas instituições.

Acervo. *A preservação de longo prazo de documentos digitais está na ordem mundial. Trata-se de tema complexo principalmente quando consideramos páginas Web e mídias sociais nas versões Twitter, Facebook, YouTube dentre outras. Nesse contexto, estão as discussões e iniciativas sobre repositórios digitais. Como essa questão está sendo tratada no Reino Unido?*

Aquiles Alencar Brayner. A questão do arquivamento de páginas Web no Reino Unido já vem sendo enfrentada, desde 2003, com a criação de um consórcio firmado pela British Library, o National Archives e mais outras três instituições. Naquela época, ainda não existia a lei de depósito nacional para publicações digitais no Reino Unido, de modo que o consórcio dividia suas responsabilidades de coleta e arquivamento de páginas Web, de acordo com o perfil de suas coleções. O trabalho era árduo, já que consistia na seleção de páginas com conteúdo de interesse nacional, identificação de seus donos e permissão expressa de cada um deles para

o arquivamento do material. Foi somente, a partir de 2013, que a lei nos permitiu colher e arquivar todas as páginas registradas no domínio .uk, o que é uma tarefa hercúlea, já que estamos falando do arquivamento de milhares de páginas que se modificam a cada período e de maneira inconstante. Com o avanço da tecnologia, páginas Web estão se tornando cada vez mais interativas, o que acaba dificultando o nosso trabalho, já que muitos conteúdos inseridos, nestas páginas, estão disponibilizados em outros provedores como *YouTube*, *Twitter*. Apesar de todos estes desafios que as novas tecnologias nos impõem, estamos, pouco a pouco, construindo um acervo de fundamental importância para pesquisadores. Já, em 2005, se estimava que 80% das páginas Web se modificavam ou desapareciam a cada ano, e este índice tem se elevado nos últimos anos. Sabendo que muitas das informações aparecem publicadas somente em páginas Web, é lógico que este material desaparecerá. Isso terá forte impacto na esfera pública: candidatos e legendas partidárias lançam plataformas políticas em suas páginas Web, que podem ser facilmente modificadas após as eleições, sem deixar quaisquer rastros de suas alterações. Sem um programa de arquivamento de páginas Web, como poderemos cobrar os compromissos sociais de nossos políticos? Só para se ter um ideia da dimensão de conteúdo publicado em páginas Web, o órgão de registro para endereços eletrônicos no domínio .br conta, atualmente, com 3.839.319 *sites* ativos, incluindo páginas do governo, universidades, museus, instituições de arquivos, bibliotecas, ONGs e outras instituições de importância para os pesquisadores¹.

O maior desafio que enfrentamos hoje é abrir os olhos das nossas instituições de memória cultural sobre o eminente perigo de não se preservar estes conteúdos efêmeros e instáveis. Tendemos a conceituar a história como algo pertencente a um passado remoto sem nos darmos conta de que o nosso presente se torna passado de maneira cada vez mais rápida, seguindo o ritmo de evolução das tecnologias digitais. Quando percebermos a importância de se preservar este presente, muita coisa terá já desaparecido. É nesse aspecto que se fala já de um “buraco negro” na era digital, onde um grande percentual de informação relevante para a nossa época e sociedade vai se extinguir sem deixar vestígios de sua existência, se não iniciarmos um programa para o seu arquivamento.

Acervo. *A história, bem como o ofício do historiador, foram igualmente afetados pela tecnologia digital, não apenas na pesquisa, mas também na produção e veiculação de seus resultados. Apesar disso, verifica-se ainda uma reflexão bastante tímida sobre a relação entre o domínio digital e os métodos da história. Você concordaria com o historiador americano Anthony Grafton que, por ocasião da conferência anual da Associação Americana de História, em janeiro de 2014, disse que o futuro da profissão passa pela tecnologia digital?*

Aquiles Alencar Brayner. Concordo plenamente, mas não limitaria esta afirmativa somente à história. No campo da literatura, por exemplo, a tecnologia digital vem suscitando novos paradigmas. Muitos dos nossos escritores atuais iniciam as suas carreiras em *blogs* e, mesmo

¹ Dados obtidos em <http://registro.br/estatisticas.html>. Página acessada em 16 de maio de 2016.

depois de terem os seus trabalhos publicados em material impresso, eles continuam a usar o meio digital como fomentador de ideias. Hoje, a literatura de vanguarda se estabelece em plataformas multimídias, gerando novas formas de narrativas que vão além do texto escrito, para agregar imagens, vídeos e áudio à narrativa. Na Inglaterra, existem vários grupos de pesquisa na área e, inclusive, há um centro de pesquisa em Liverpool, dedicado à crítica da literatura cibernética no contexto latino-americano (<<https://latamcyber.wordpress.com/>>). A preocupação desses pesquisadores se centra justamente em como preservar este material, cuja estrutura interativa só pode ser entendida no contexto em que emerge.

Pesquisadores de todas as áreas já admitem que vivemos um período marcado pela revolução digital. De fato, os modelos de comunicação e conteúdos em formato eletrônico estão modificando a nossa relação com o mundo. Há 15 anos, já se utilizava o termo “nativos digitais” para designar aqueles que nasceram na era da informação eletrônica e que apresentam características de comportamento, comunicação e aprendizagem totalmente distintos do que se observava em gerações anteriores. Marc Prensky chega a distinguir os nativos dos imigrantes na era digital, usando uma comparação geolinguística para explicar as diferenças entre os dois grupos: o nativo desenvolve as suas habilidades de maneira “natural”, já que nascem imersos na tecnologia. É interessante observar, neste sentido, como crianças começam desde cedo a operar dispositivos eletrônicos de uma maneira que nos parece até instintiva. Os imigrantes digitais, ao contrário, têm de aprender a lidar com as tecnologias da mesma forma que um estrangeiro deve se adaptar a um novo país: ele pode ter até um domínio perfeito da nova linguagem e cultura, mas sempre trará em si um referencial alóctone.

Enfim, qualquer área de pesquisa está hoje evoluindo dentro do contexto das tecnologias de informação. No nosso caso, arquivistas e bibliotecários, temos de estar atentos a estas evoluções e propiciar as condições necessárias para o seu desenvolvimento e acesso. Não deixa de ser curioso lembrar que, há poucos anos, com o advento da Internet, foi decretada a morte dos Arquivos e bibliotecas. Acreditava-se, ingenuamente, que toda e qualquer informação estaria plenamente disponível e preservada, sem fronteiras geográficas ou temporais. A realidade hoje prova justamente o contrário: bibliotecas e Arquivos estão mais vivos do que nunca, e o trabalho que realizamos no arquivamento, disponibilização e preservação de conteúdos digitais altamente voláteis é o que marca a nossa verdadeira revolução.

Referência bibliográfica

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, North Carolina, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

Entrevista realizada por Dilma Cabral, Claudia Lacombe Rocha e Rosely Rondinelli